



## **A greve de 79 e os primeiros passos do cinema no Maranhão<sup>1</sup>:** Uma super 8 na mão e uma idéia de rebelião.

Izabella Lima PINHEIRO<sup>2</sup>  
Lorena Lima Nascimento RIBEIRO<sup>3</sup>  
Nayara Chaves FERREIRA<sup>4</sup>  
Thaís Verena Carneiro ARRAES<sup>5</sup>  
Franklin DOUGLAS<sup>6</sup>

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

### **RESUMO**

Reconstitui parte da história do cinema maranhense através de suas primeiras experiências em registro de imagem, por meio da técnica da super 8. Retoma os acontecimentos relacionados à greve da meia passagem desencadeada em São Luis, em setembro de 1979, quando havia o enfrentamento do período militar no país e no Maranhão. Resgata ainda as contribuições desta primeira fase do cinema maranhense dadas por Euclides Moreira Neto e Murilo Santos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema; Greve de 1979 no Maranhão; Movimentos Estudantis;

### **1 INTRODUÇÃO**

"Um dos prazeres que sinto ao produzir um filme é constatar que muitas vezes uma cena inesperada - ou até mesmo errada - acaba dando certo". Foi como esta premissa de Charlie Chaplin que se desenrolou o documentário "A ilha rebelde ou a luta pela meia-passagem". Documentário este de extrema importância e de cunho social notável, assim como a maioria das produções maranhenses da década de 1970, que mesmo imersas em um sistema ditatorial repressor conseguiram dar à luz ao chamado

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT – Comunicação Audiovisual: Cinema, Rádio e TV, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Estudante de graduação 6º semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da UFMA, [bsbella\\_pinheiro@hotmail.com](mailto:bsbella_pinheiro@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de graduação 6º semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da UFMA, [lorenanlribeiro@hotmail.com](mailto:lorenanlribeiro@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de graduação 6º semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas da UFMA, [nayara\\_chaves@hotmail.com](mailto:nayara_chaves@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de graduação 6º semestre do Curso Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas da UFMA, [thaisverena@gmail.com](mailto:thaisverena@gmail.com)

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: [franklindouglas@elo.com.br](mailto:franklindouglas@elo.com.br).



“cinema engajado”. O nascimento do movimento “superoitista” trouxe consigo esta nova noção de cinema e a greve ocorrida no ano de 1979 serviu como mais um pano de fundo para atuação de cineastas hoje reconhecidos e premiados no Estado e por todo o Brasil.

Contudo, a cinematografia maranhense nem sempre teve tal conotação de engajamento; filmes produzidos anteriormente à década de 1970 eram de aspecto religioso, que representavam sentimentalidades e situações familiares ou acontecimentos históricos. De forma alusiva será feita uma explanação que vai dos primórdios do cinema maranhense até a década de 1970, quando o mesmo entra em destaque.

## **2 O INÍCIO DO CINEMA NO MARANHÃO**

O cinema chegou ao Maranhão quando sua capital encontrava-se mergulhada em uma atmosfera de crescente desenvolvimento. Trazido pelo projetores ambulantes, essa nova atividade foi rapidamente inserida nos costumes do cidadão ludovicense.

Oriundos de vários lugares da Europa, os aparelhos cinematográficos conquistaram a população e em pouco tempo, já eram utilizados para registrar cenas do cotidiano maranhense, em especial festejos religiosos e acontecimentos históricos. Assim nascia e crescia o cinema no Maranhão, em meio a manifestações de fé, história, e mais tarde, movimentos de rebeldia.

### **2.1 A chegadas dos projetores cinematográficos.**

Foi em um contexto de subdesenvolvimento, penosas condições urbanas, carência de divertimento para a população citadina, que a cinematografia chegou como novidade no Brasil aportando na cidade do Rio de Janeiro. Estreando em 15 de julho de 1897, quando ainda não se utilizava energia elétrica na metrópole brasileira, essa nova forma de entretenimento transpassou as barreiras do caos urbano e apresentou-se como uma rota de fuga da população diante do marasmo em que se encontrava na época. Trazido pelas mãos da atriz Apolônia Pinto e seu marido Germano Silva, o cinematógrafo Lumière compunha parte dos espetáculos de companhias de *zarzuelas* e animais amestrados. Causando frisson e assombro entre a população, as fotografias animadas espalharam-se como uma epidemia pela metrópole brasileira, e logo não tardariam a difundir-se para a capital do estado Maranhão – cidade que, na época, encontrava-se em seu auge econômico-cultural.



Como anunciou, o jornal maranhense *A Pacotilha*, em 09 de abril de 1898, o primeiro aparelho cinematográfico – o cronofotógrafo - chegava a São Luís através de Moura Quineau, fotógrafo que antes já havia residido na cidade e agora trazia o invento “a um público ilustrado” – os ludovicenses da época áurea da produção cultural da cidade, cercados pela onda de costumes parisienses e de desenvolvimento urbano. Assim fala o *Jornal A pacotilha* na data da chegada do projetor:

O senhor Moura Quineau, habil photorapho que aqui já residio, trouxe agora a esta capital a ultima invenção deste fim de século em matéria de maravilhas. É o cronophotographo de demeny, apparelho que reproduz a photographia animada com todos os movimentos naturaes. É realmente curioso e digno de ver-se o cronophotographo que o sr. Moura Quineau vae exhibir ao publico por estas noites, no próximo domingo, á rua do Sol, em frente ao theatro.

O cronofotógrafo aqui chegou – e pouco tempo ficou - em meio ao progresso econômico e crescimento sócio-cultural. Havia um grande enriquecimento pessoal dos comerciantes desde a criação da companhia do comércio do Grão-Pará e Maranhão, dessa forma possibilitando trazer para a cidade as mais novas tecnologias da época. São Luís também abrigava grandes personagens da produção literária nacional e maranhense como Gonçalves Dias (poeta do romantismo), Odorico Mendes (tradutor de Homero e Virgílio), Sotero dos Reis (Gramático), João Lisboa (maior prosador da época), entre outros.

De cronofotógrafo, passou-se para bioscópios, cinematógrafos, aletoramas..., todos projetores com nomes estranhos e que passaram a transformar a vida social urbana. A rotina do ludovicense, que antes dividia-se entre eventos clericais, idas ao velódromo para assistir as animadas e disputadas corridas de bicicleta, entre outras atividades, agora incorporava os espetáculos cinematográficos dos projetores ambulantes que poucos dias passavam pela cidade. Todos esses aparelhos causaram tal impressão na população, que a atividade que antes era exibida por ambulantes passou a possuir um salão permanente para sessões diárias. Para este salão eram trazidos os mais variados tipos de aparelhos de projeção cinematográfica, provenientes de diversos lugares da Europa.

Nos primeiros meses de 1904, depois da partida de um Bioscópio Ítalo-Brasileiro – de propriedade do senhor Edouard Hervet - de São Luís, a cidade foi assolada pelos males da peste bubônica. Em meio a altos índices de mortalidade e à morbidez urbana



chegou à cidade um cinematógrafo falante. Entretanto, a possibilidade de mostrar ao público *ateniense* as imagens do projetores associadas ao zoofone não ocorreu à época de sua primeira apresentação no teatro São Luis; o projetor encontrava-se defeituoso e partiu daqui para o Rio de Janeiro com promessas de retorno para apreciação do público maranhense. Três anos depois, quando o sr. Hervet voltou a aportar na pequena Ilha, com sua magnífica máquina já reformada, foi recebido com louvor, casa cheia e ingressos esgotados, como dá nota o jornal *A Pacotilha* de 22.03:

Decididamente o sr. Hervet saltou, entre nós, com o pé direito, como diz a gyria. Cada função maior é a assistência. Hontem, ás primeiras horas da noite, se esgotaram os bilhetes, resultando estupenda enchente que se tornou no S. Luiz. As vistas exhibidas, na sua totalidade desconhecidas do nosso público, foram muito admiradas, tanto as cômicas de efeito feerico, como, <o escrínio de Rajah e <o Fausto>. Amanhã realizar-se-á a quinta apresentação.

E assim tantos outros aparelhos cinematográficos que por aqui passaram deixaram a marca de uma divinização do cinema, que à época, mal engatinhava como sétima arte.

## 2.2 Os primeiros passos da cinematografia ludovicence.

Das máquinas que aqui chegavam à época do cinema ambulante, foi o bioscópio Inglês do senhor José Phillipe que primeiro registrou imagens genuinamente ludovicenses. Seu aparelho tinha a capacidade não só de projetar o filme, mas também de registrar algumas cenas. Tal registro foi apresentado à sociedade maranhense na noite de comemoração de adesão do Maranhão à independência do Brasil.

A segunda filmagem realizada aqui foi no ano de 1906, pelo proprietário do cinematógrafo parisiense, Rufino Coelho Júnior. Neste registro, pode-se ver cenas do local onde ocorriam as festas de Nossa Senhora dos Remédios e o retrato do encomendador Augusto Marques. Outros registros ocorreram por volta de 1910, pelo Ideal cinema, que à época fazia competição aos cinemas de São Luiz e Pathé; o filme mostrava paisagens da cidade principalmente a parte litorânea de autoria do projecionista Luiz Braga, mesmo diretor do primeiro filme de enredo maranhense, também realizado pelo Ideal cinema no mesmo ano.



Entretanto, o cinema São Luiz, retoma seu espaço ao retornar à produção de imagens em 1911, com a apresentação das fitas “As festas de São Benedito” e “Transportes dos restos mortais de João Lisboa” com cenas de vários locais da cidade.

A partir daí, a produção cinematográfica que se segue são apenas filmes isolados, de cunho documental, registrando cenas de valor sentimental e fatos históricos, como a fita “Fábrica de Cola Jesus, Paradas Militares, Aspectos da Cidade de São Luís e a Visita de Eurico Gaspar Dutra”, feito na década de 1940 pelo cineasta amador Murilo Viana.

Por volta de 1950, uma congregação religiosa de italianos realizou um filme cujo nome não é possível saber. Em 1960, foram realizados aqui no Maranhão vários filmes não locais, como “Maranhão 66”, de autoria de Glauber Rocha.

### **3 MURILO SANTOS E O CINEMA MARANHENSE NA DÉCADA DE 70**

Nos primeiros anos da década de 1970, a produção de filmes que se observava em São Luís tinha somente fins lucrativos, sendo de cunho publicitário, para enaltecer e trazer aos holofotes as figuras “importantes” da sociedade maranhense.

Entretanto, foi nesta mesma década que a figura de José Murilo de Moraes dos Santos – participante do Laborarte (Laboratório de Expressões Artísticas) – destacou-se. Apaixonado pela fotografia – gosto que adquiriu com o pai -, Murilo acabou enveredando-se pelo caminho da cinematografia e especializou-se nessa arte, iniciando um ciclo de produções cinematográficas no estado. À época, este cineasta realizou documentários sobre festas populares e filmes de ficção como “Um Boêmio no céu”, “Adão e Eva”, “Maré Memória”, entre outros. Muitas dessas produções eram realizadas em câmeras super-8 mm.

Foi então que, em 1975, a Coordenação de Extensão e Assuntos Comunitários (CEAC) da Universidade Federal do Maranhão criou o cineclube universitário – mais tarde chamado Uirá – para incentivar o desenvolvimento da cinematografia maranhense a partir dos jovens entusiasmados da época.

Nesse período, também foi realizado o III Festival Nacional de Cinema (FENACA), para o qual o cineclube produziu o filme “Pregoeiros de São Luís” – documentário que fala sobre os vendedores ambulantes da capital, feito em super-8 mm e ganhador do prêmio deste mesmo festival.



Dirigido por Murilo Santos, o documentário obteve tamanho sucesso, que acarretou na realização de vários cursos, seminários e jornadas maranhenses incentivadas pela Universidade Federal.

Durante muito tempo esse meu trabalho se manteve como único, não havia outras produções. Foi o primeiro trabalho que se encaixou nesse movimento chamado super 8, o primeiro trabalho maranhense aconteceu se enquadrando perfeitamente, e sendo premiado, e sendo referencia, foi esse filminho chamado “Pregoeiros... (SANTOS, 2006,p.5)

A partir daí, o cineclube cresce em número de membros, entre os quais se destacaram Luis Carlos dos Santos Cintra, Raimundo Nonato Medeiros da Silva, Euclides Barbosa Moreira Neto e João Mendes Sampaio.

Naquela época todos esses filmes acabavam desembocando em festivais e isso possibilitou uma troca de experiências. É um universo de realizadores, que eram chamados de cinema amador ou alternativo. Começou a se configurar e ser chamado de movimento superoitista (SANTOS, 2006, p1).

A produção dessa época era de razoável qualidade técnica, pois os realizadores eram na maioria iniciantes, e havia grande escassez de recursos e laboratórios que permitissem uma melhor elaboração dos filmes. Isso fez com que surgisse um grupo chamado “Virilha Filmes”, formado por Euclides, Cintra, Murilo, Medeiros e Mazé.

Em 1978, ano da II Jornada Maranhense de super-8 mm, não houve mudanças no cenário do cinema maranhense, visto que a maioria dos filmes eram produzidos com a finalidade de concorrer em festivais. Murilo Santos, entretanto, experimentou produções em 16 mm, como o filme “Tambor de Crioula”; contudo, ainda em super-8 mm, venceu a categoria de melhor filme folclórico com “A Festa De Santa Tereza”, no V FENACA.

Ainda à época, a universidade produziu um filme sobre o poeta Gonçalves Dias, com direção de Murilo Santos. O filme participou do 6º Seminário Latino-Americano de Educação Universitária. Neste ano, Euclides Barbosa Moreira Neto realiza “Incêndio na Praia Grande”, obra inédita até os dias atuais.

Porém, é somente um ano mais tarde que surge uma produção inusitada e diferente de quaisquer registros antes realizados: o documentário “A Ilha Rebelde”, realizado em meio à repressão da ditadura, durante a luta da greve da meia passagem na cidade de São Luís. Sobre o mesmo, trataremos com detalhes ao decorrer deste artigo.



#### **4 DITADURA MILITAR E SUA INFLUÊNCIA ENTRE OS ESTUDANTES**

Os 21 anos em que a Presidência da República foi ocupada sucessivamente por generais do exército foram marcados pela luta de sindicalistas, estudantes, membros do legislativo, e de toda sociedade civil, contra atrocidades cometidas diariamente no país, que muito além de ameaçar a democracia, colocava a segurança e a vida de muitos brasileiros em risco. Tudo teve início com o golpe militar em 1964, que foi explicado por seus executores como uma intervenção fundamental para a defesa da ordem e da democracia que, segundo eles, estava ameaçada pela agitação de comunistas e sindicalistas; em nome do “desenvolvimento e da segurança”, os militares assumiram totalmente o poder no Brasil. Tomando para si as funções do Estado.

No dia que se antecedeu ao golpe, o prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi incendiado por militantes de direita; esse episódio foi apenas um indício de que nos próximos anos a situação de repressão e violência contra os estudantes só se tornaria pior. Ainda Em 27 de outubro daquele ano, o Congresso Nacional extingue a UNE, assim como as uniões de estudantes estaduais, aprovando a “Lei Suplicy”, que era fascista e tinha com o objetivo sufocar por vezes qualquer atividade estudantil.

A facção “linha dura” do Governo Militar colocou em vigor os Atos Institucionais que foram característicos do regime; tinham como finalidade tornar as eleições presidenciais indiretas, extinguir os partidos políticos existentes e restringir a liberdade dos meios de comunicação, implantando o direito à censura prévia de revistas, livros e espetáculos. Dentre estes atos, o mais marcante foi também a mais autoritária da história brasileira: o Ato institucional nº. 5, que representou um golpe dentro do próprio golpe. A partir daquele momento nenhuma manifestação de oposição à ditadura militar seria permitida.

Na clandestinidade, a UNE ainda representava uma bandeira de protesto e de união para os estudantes brasileiros. O governo estava intencionado a transformar, aos poucos, todas as universidades federais em regime de Fundação, devido a uma imposição externa de cumprimento dos acordos feitos entre Brasil e a Agência de Desenvolvimento dos Estados Unidos- USAID. Dessa forma, as discordâncias MEC-USAID passaram a ser no momento a principal reivindicação dos estudantes. “A dominação da mentalidade e formação dos jovens é uma das formas mais antigas de manutenção do poder” Márcio Moreira Alves - Jornal da FEUB – 1968 .



Os confrontos entre polícia e adolescentes eram cada vez mais frequentes, violentos e desleais. Granadas estilhaçantes, granadas de gás lacrimogênio e de efeito moral, cavalaria hipo e autopropulsada com metralhadoras ponto cinquenta contra paus, pedras das obras inacabadas, bombas caseiras feitas com álcool e óleo de soja e bolinhas de gude usadas para derrubar as montarias. Os jovens estudantes levaram às ruas todas as suas revoltas nas mais diversas partes do país. Através de passeatas-relâmpago, confrontos com a polícia e greves universitárias que cresciam a cada momento, estudantes manifestavam suas idéias. Nas escolas e universidades nasciam novas lideranças que disputavam à direção do movimento estudantil.

Episódios cada vez mais conflitantes, como o acontecido no campo do Botafogo, onde em torno de 400 estudantes foram pegos pela Polícia Militar, sensibilizava cada vez mais a população que passou a aderir à luta dos estudantes.

"O que ocorreu ali, no gramado do time que iria conquistar, naquele ano o seu único campeonato nos último 20 anos. Chocou a cidade - uma cidade que, desde a morte de Edson Luis, achava que já tinha assistido a tudo em matéria de violência. Mais do que pela agressão física, as fotos "hediondas" indignavam como símbolos do ultraje. A descrição de soldados urinando sobre corpos indefesos ou passeando o cassetete entre as pernas das moças, junto às imagens de jovens de mãos na cabeça, ajoelhados ou deitados de bruços com o rosto na grama, eram uma alegoria da profanação" (Zuenir Ventura - 1968 o ano que não terminou)

Um dia após o caso do campo de Botafogo, não apenas os estudantes, mas o povo de modo geral, lutou contra a polícia cerca de quase 10 horas no manifesto que se tornou conhecido como "sexta-feira sangrenta".

No ano de 1984, o regime militar foi perdendo sua força com milhares de jovens nas ruas clamando pelo retorno à democracia, no movimento que ficou conhecido como "diretas-já!". Mas o voto do congresso resultou em eleições indiretas que nomearam Tancredo Neves como presidente do Brasil; somente a partir de 1985 as eleições passariam a ser diretas, e o Brasil tornou-se livre do regime ditatorial implantado pelos militares.

#### 4.1 No Maranhão

Conhecida como Greve de 1979, a manifestação iniciada por universitários tornou-se um dos grandes períodos de mobilização já registrados na História do Maranhão.



Inconformados com o aumento de passagens imposto inesperadamente pela Prefeitura de São Luís, não só universitários, mas secundaristas, professores e trabalhadores expuseram toda a sua revolta através de uma greve que visava o direito à meia-passagem, enxergando no movimento estudantil a única maneira de expressão possível, dentre as duras amarras da ditadura militar.

A greve de 1979 alcançou uma significativa mobilização. Mas no contexto histórico de um país regido pelo bipartidarismo, o movimento soou como de cunho comunista. E, portanto, a violência não foi poupada; ônibus quebrados, lojas saqueadas, feridos e presos são apenas fatos que não negam o conflito estampado nos jornais do dia 18 de setembro de 1979 que trazia como manchete: *"São Luís vira um inferno: mais de 7 mil manifestantes. Polícia baixa pau. Centena de presos e feridos"*.

O objetivo dos estudantes, segundo a notícia, era caminhar até o Palácio dos Leões (sede do governo do Estado), na Praça Dom Pedro II, e entregar um manifesto ao então governador João Castelo, para solicitar a meia-passagem a todos os estudantes da Capital, direito garantido por lei e que foi abolido em 1969", (CARDOSO, 2001, p.6.)

Os estudantes maranhenses fizeram acontecer, pois sua reivindicação foi atendida e o direito a meia-passagem passou a ser uma prova da luta e bravura dos estudantes que ousaram e conquistaram, mesmo diante da lamentável situação nacional.

## **5 A GREVE DE 79 E O SEU LEGADO**

... São Luís se agitava com o fervilhar de uma juventude invadindo as entranhas de suas ruas e calçadas. Era a luta pela meia-passagem rasgando a boca da estudantada e atijando o peito de tantos quantos cidadãos queriam respeito e liberdade. São Luis se assumia, de novo, Ilha Rebelde. (MEDEIROS, apud CARDOSO, 1995, p 9.)

A Greve da Meia-Passagem, movimento que teve início na manhã do dia 14 de setembro de 1979, no Campus da Universidade Federal do Maranhão, ganhou as ruas de São Luís para tornar-se um dos mais marcantes movimentos estudantis, tendo além de ampla repercussão local, destaque nacional e até mesmo internacional. Para devidamente valorizar e apreciar o esforço daqueles que tornaram a meia-passagem uma realidade é preciso entender o movimento; as suas exatas reivindicações e os termos nas



quais foram feitas e aceitas. Só assim se tem noção da importância deste legado deixado por quem não teve medo de lutar e se expor em meio a tanta repressão.

### 5.1 São Luís: a ilha rebelde

O contexto político-social era de contestação: a UNE voltando à atividade em 1979 e as novas diretrizes da ditadura (que a cada dia dava um passo a mais rumo à democratização) refletiam a necessidade de mudanças. Na capital maranhense não poderia deixar de ser diferente. Greves, como as dos taxistas, que reivindicavam reajuste no preço das corridas; conflitos resultantes de práticas como a “grilagem” na região de Barra do Corda, entre outros revelavam uma atmosfera tensa não só em São Luis, mas em todo o Maranhão.

Os primeiros passos para a greve estudantil de 1979 foram tomados dois anos antes: em 1977, com a reorganização da classe dos estudantes em São Luís fala-se pela primeira vez em reivindicações pela meia-passagem. Porém, por se dar apenas no âmbito da universidade, atendendo somente os universitários, o movimento não ganha força e é abortado em seu princípio. Em 1978, ressurgiu através de um abaixo-assinado “pró-meia-passagem”, que colheu cerca de 35.000 assinaturas, e de uma comissão constituída por estudantes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Federação das Escolas Superiores do Maranhão (FESM), que juntos elaboram e entregam à prefeitura uma minuta de projeto de lei que legalizava a meia-passagem. Motivações sobravam: três reajustes nos preços das passagens dos coletivos foram feitos somente naquele ano.

A assembléia geral dos estudantes, que aconteceu no dia 14 de setembro de 1979, reuniu no Campus Universitário do Bacanga um número surpreendente e enaltecido de estudantes: aproximadamente 1500 compareceram. Deram-se início piquetes, realizados na entrada do Campus, que mobilizaram não só os acadêmicos de Engenharia Elétrica (a quem cabia o encabeçamento da assembléia), mas o todo corpo discente; ônibus chegaram a ser retidos como forma de enfatizar o protesto. A presença da polícia foi dispensada quando esta compareceu ao campus. Mas era preciso mais: mais vozes, mais vontades clamando por um mesmo ideal. Foi debatido então a necessidade da participação de todos os estudantes maranhenses. Um novo momento, maior e mais abrangente foi pensado e acertado: a greve geral pela meia-passagem tinha



dia, hora e local para acontecer. Foi então que o 17 de setembro de 1979 entrou para a história de São Luís de forma violenta, mas permanente.

### 5.2 “Caminhando e, cantando, e seguindo a canção...”

O movimento iniciado no Campus da Universidade Federal do Maranhão ganhava força e era consentida uma greve geral. De uma reunião na Igreja de São João nasceu o Comitê Central da Luta pela Meia-Passagem (Comando de Greve), e a Praça Deodoro foi escolhida como palco para a concentração dos que quisessem contribuir com aquela que já era uma causa amplamente abraçada (a panfletagem de divulgação do evento espalhou aos quatro ventos o movimento).

O povo compareceu, adotando aquela causa com todo o fervor: a praça Deodoro coloriu-se em faixas, discursos e músicas de protesto; no coreto, eram feitos discursos inflamados e cheios de ideais. Foi então que se decidiu intensificar o movimento: frentes organizadas desceriam pelas ruas do Sol, de Santana, Grande, Alecrim, Afogados e da Paz em passeata, convergindo todas para o Palácio dos Leões, onde ficariam em vigília à espera de um posicionamento das autoridades. Dividiram-se 1500 protestantes nas frentes pressupostas e iniciou-se então a caminhada: à frente, um cordão procurava manter o teor pacífico daquele gesto. A marcha deu-se de forma impetuosa, alastrando-se e tomando conta de ruas e mentes. Um mesmo objetivo levava a um ato que já não podia ser diminuído em sua importância, e nem mesmo ignorado. A voz do povo fez-se ouvir mais uma vez, num contexto em que o silêncio era a palavra de ordem. E esta voz precisava ser calada.

### 5.3 “Meia-passagem ou meia-cidade”!

A marcha se dava pelas ruas da capital maranhense e o que serviria para reforçar aquele movimento acabou por marcar e dar outros rumos a ele e história dos movimentos estudantis no estado. Entre a rua de Nazaré e a praça ocorreu o choque com a polícia militar, o que rendeu uma noite de pancadaria, quebra-quebra, e confusão. Muitos foram presos, superpovoando as carceragens. A imprensa local atuaria como importante aliada dos estudantes, numa atitude de coragem jamais vista (muitos jornalistas que cobriam os acontecimentos foram presos, assim atingindo e mobilizando



toda a classe). “Pela liberdade de imprensa” era o que se lia nos jornais que circularam pela ilha, no dia 19 de setembro.

De manhã (dia 17), Cícero recebeu uma ligação de Jersan Araújo. Ele disse pra todo mundo cair em campo e registrar tudo. Eu saí pela São Pantaleão e cheguei até o edifício Caiçara. Fui registrando tudo o que via pela frente. Segui para a Deodoro, onde os estudantes faziam uma assembléia. Lá, os policiais tomaram meu equipamento e me jogaram dentro de um camburão com mais dez pessoas. A gente ficou lá até o início da tarde. Fomos todos levados para o Quartel da Polícia, que ficava onde hoje é o Convento das Mercês. Depois, as lideranças e os jornalistas foram levados para o quartel em construção no Calhau. Lá, o pessoal da PM2, a Polícia sem farda, começou a bater em todo mundo. Fomos humilhados. Pensei que todo mundo ia morrer. Acho que isso só não aconteceu, porque a cobrança para libertar os jornalistas era grande. Como a gente sabia quem estava lá, eles tinham que libertar todos. (ALVES, 2004, p. 2)

Assim deu-se início uma série de embates entre a polícia e os estudantes. O movimento ganhou novas dimensões, e já não se lutava somente pelo direito a meia-passageira, mas também por ideais como a própria liberdade de expressão. O então governador João Castelo se nega a negociar com as lideranças, atribuindo toda aquela insurreição popular à manobras de desocupados e marginais, que inspirados pelos traços comunistas causavam a balburdia e a desordem na cidade. Somente uma conversa entre iguais e um acordo que atendesse as reivindicações do povo seria suficiente para por fim à luta. Nada menos do que a liberdade.

O movimento chegou ao fim em uma reunião entre os líderes e o prefeito Mauro Fecury e o governador. A praça Deodoro foi novamente tomada pelo povo e a vitória foi amplamente comemorada por todos os cantos da Ilha. Fica então a rica herança nos deixada, de que é preciso saber valer seus deveres e fazer valer os direitos.

## **6 UMA SUPER 8 NA MÃO E UMA IDÉIA DE REBELIÃO**

Vivendo em um domínio de repressão e barrados pela censura, o movimento estudantil encontrou nas artes uma maneira de reivindicar seus direitos. Atitudes como essa, fizeram surgir no Maranhão grupos como o Laborarte e o Cine Clube Universitário.

Em 29 de outubro do ano de 1972, foi fundado o Laboratório de Expressões Artísticas – LABORARTE, que em suma, reunia um grupo considerável de artistas em



sua maioria maranhenses, que foram considerados os vanguardistas nas diversas áreas em que o laboratório se estendia, como cinema, teatro, fotografia, artes plásticas, dança, literatura e dança. Um pouco mais tarde esse laboratório foi dizimado, restando apenas o laboratório de teatro, um pode-se ver claramente o destaque de Murilo Santos, que aprimorou seus conhecimentos em cinema e fotografia e começa a realizar filmes baseados em argumentos de peças de teatro.

Já o Cine Clube Universitário é fundado pelo professor e ex-padre Mário Cella em abril de 1975, com o apoio da então Coordenação de Extensão e Assuntos Culturais (CEAC), numa tentativa de incitar nos jovens o gosto pelo cinema, onde eles se reuniam para assistir e discutir filmes.. Inicialmente, o grupo era um fracasso, já que apenas dois estudantes freqüentavam. Somente em meados de 1976 é que o grupo ganha destaque com um aumento significativo de jovens entusiasmados pela proposta do cinema engajado.

O surgimento do Cine Clube Universitário, que mais tarde passa a ser chamado de Cine Clube Uirá, deu início ao cinema engajado no Maranhão através do movimento superoitista. Chamava-se movimento superoitista exclusivamente pela utilização de uma pistola 8mm, que apesar de ser simples e de uso doméstico, conseguia gravar cores, imagens e som. Inicialmente as pistolas utilizadas eram emprestadas pelo Laborarte. Somente após a produção do filme “Os pregoeiros de São Luís”, que foi bastante premiado nos festivais de cinema brasileiros, foi que a universidade, através do DAC (Departamento de Assuntos Culturais) adquiriu câmeras super 8, e o Cine Clube passou de uma estância de discussão para produção.

Como o momento pedia a formação de vídeos com cunho político-social e a super 8, por ser de fácil acesso, tinha essa característica de mostrar a realidade, a maneira de expressão encontrada por esses estudantes foi a produção de documentários, em uma tentativa de burlar a falta de liberdade estabelecida pelo regime militar.

Vários documentários dessa espécie foram feitos, porém muitos foram censurados pelo caráter político. E nem mesmo a universidade patrocinou esse tipo de cinematografia. Por conta disso, os estudantes ligados ao Cine Clube, fundaram um pequeno grupo de cinema, que foi chamado de Virilha Filmes, para a produção de documentários com esse tipo de engajamento.

Um desses documentários foi “A Ilha Rebelde”, que apesar de ter sido uma produção em conjunto, deve seu maior crédito a Euclides Moreira Neto, e retratava os



momentos de tensão e os choques violentos que ocorreram durante a greve da meia-passagem em São Luís.

O movimento (GREVE) era um movimento de reivindicação dos estudantes do 2º grau e que ganhou uma proporção muito grande quando a passeata foi barrada pela polícia estadual da época. Como nós participávamos do cine clube e tínhamos uma preocupação muito grande em fazer filmes documentários a gente viu naquele ato um momento que deveria ser documentado. (MOREIRA NETO, 2006, p. 1)

Por esses estudantes serem ligados ao movimento estudantil e terem uma consciência política trabalhada, o documentário teve um tom de realidade, já que além de fazerem as filmagens, eles ainda participavam da greve. Além das filmagens em praça pública, onde ocorria os chamados “quebra-paus”, foram realizadas filmagens em hospitais e uma tentativa de filmagem no quartel da PM, porém essa última foi interrompida já que o encarregado, José Medeiros, foi detido e teve a câmara e todo o seu material filmado apreendidos. O que fez com que boa parte das imagens encontradas no documentário fosse apenas da câmara de Euclides Neto.

Foi uma semana de acontecimentos e nos primeiros dias ele filmou em super 8, e nos dias seguintes eu filmei alguns lances desse evento com o filme 16mm. Mais o filme que tem o calor dos acontecimentos de rua, embora todo tremido, imagem desfocada, feito propositalmente, por que ele também estava participando a greve, e filmando ao mesmo tempo, a perla desse momento o Euclides fez. (SANTOS, Murilo, 2006, p.3)

O documentário no total possui 30 minutos, incluindo algumas cenas da comemoração, que foram feitas por Murilo Santos em uma pistola 16mm e que foram filmadas em São José de Ribamar, uma semana após o término da greve em São Luís, em uma espécie de lava-pratos da greve. Mas ainda, o que chama mais atenção é a vivacidade do documentário. A super 8 apesar de ser uma pistola simples, consegue gravar imagem, cores e som o que vai dar o tom real ao documentário.

Hoje em dia as filmagens desse documentário servem apenas para propagandas políticas em ano de eleição, mostrando mais uma vez como é quase inexistente a cinematografia no Maranhão e falta de políticas públicas para poder resguardar a memória das lutas maranhenses.



## 6 CONCLUSÃO

De acordo com as pesquisas feitas, análise e ordenamentos de dados concluímos que o cinema no Maranhão é anterior a década de 70; embora tenha sido no ano de 1979, ano importante na caminhada para a retomada da democracia, o seu despontar e auge. Foi então que as produções cinematográficas adquirem um cunho mais engajado, o que subentende a grande produção de documentários no estilo Superoitista.

Observa-se pois, documentários como o que foi feito durante a greve da meia-passagem, em 1979: a coragem e determinação daqueles que buscaram neste importante movimento estudantil uma forma de expressar sua criatividade e lutar pela liberdade deu base para o cinema maranhense que conhecemos hoje.

No entanto, vale a pena ressaltar que existiu um potencial muito maior por trás dos poucos das condições com que trabalham os cineastas maranhenses. A inexistência de políticas de incentivo ao cinema no Maranhão poda a criatividade e não explora em sua totalidade o talento de quem ousa fazer cinema em nosso estado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Silvan. A Greve da meia-passagem na versão dos jornalistas. *Associação Maranhense de Imprensa*, São Luís, 26 set. Disponível em <<http://www.ami-ma.com.br/index.php?catID=58&blID=7&ID=322>>. Acesso em 27 mar 2006.

BEZERRA, Cássio. **A greve da meia-passagem na versão dos jornalistas**. Associação Maranhense de Imprensa, São Luís, 26 set 2004. Disponível em: <<http://www.ami-ma.com.br/index.php?catID=58&blID=7&ID=322>>. Acesso em: 27 mar 2006.

CARVALHO, Graça de Fátima P. **Evolução histórica dos festivais de cinema e vídeo no Maranhão**: Festival guarnicê de cinema. São Luís: EDUFMA, 2002.

DITADURA militar no Brasil. Portal sua pesquisa. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ditadura/>>. Acesso em: 27 mar 2006.

DOUGLAS, Franklin. **A greve de 79 e o grito sufocado**. São Luís 20 set, 2004 Disponível em: <<http://www.ami-ma.com.br/index.php?catID=62&blID=15&ID=240>> Acesso em 05 abr. 2006.

MATOS, Marcos Fábio B. **...E o cinema invadiu a Atenas**: A história do cinema ambulante em São Luís. 1. ed. São Luís: UniSãoLuis, 2002.

MEDEIROS, Juarez apud CARDOSO, Amarilis. **A meia-passagem em versões inteiras**: a greve de 79 em fatos e fotos. São Luís: ONG Travessia, 2001. 52 p.



MOREIRA NETO, Euclides. **O cinema dos anos 70 no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 1990.

\_\_\_\_\_. **O cinema no Maranhão na década de 70**. São Luís, 17 mar. 2006. Entrevista concedida a I. Lima Pinheiro e L. Lima Ribeiro.

PRESIDENTE Ernesto Geisel. Centro de informação de acervos dos presidentes da República, Brasília, DF. Disponível em: <[http://www.arquivonacional.gov.br/memoria/crapp\\_site/presidente.asp?rqID=30](http://www.arquivonacional.gov.br/memoria/crapp_site/presidente.asp?rqID=30)>. Acesso em: 27 mar 2006.

PINHEIRO, Roseane. **Maranhão, anos 70: o papel da imprensa na formação da opinião pública**. Disponível em: [http://www2.metodista.br/unesco/hp\\_unesco\\_redealcar44completo.htm](http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar44completo.htm)> Acesso em: 05 abr. 2006.

SANTOS, Amarílis Cardoso. **A formação da opinião pública na greve pela meia-passagem em 1979 no Maranhão**. 2003. 77 f. Monografia (Especialização em Relações Públicas) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2003.

\_\_\_\_\_. DOUGLAS, Franklin (Org). **A meia-passagem em versões inteiras: a greve de 79 em fatos e fotos**. São Luís: ONG Travessias, 2001.

SANTOS, José Murilo de Moraes dos. **O cinema no Maranhão na década de 70**. São Luís, 22 mar. 2006. Entrevista concedida a I. Lima Pinheiro e L. Lima Ribeiro.

TEIXEIRA, Francisco M. P. **Brasil, história e sociedade**. 1ªed. São Paulo: Ática, 2001.